



Angélica e Geórgia formaram uma linda família, com sete filhos, entre adotados e inseminados

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

### Famílias formadas por duas figuras maternas celebram a data com amor e afeto em dobro

POR BRUNA YAMAGUTI\*

**S**e ter uma mãe, aquela figura com quem compartilhamos segredos, angústias, tristezas e alegrias, já é bom, imagina poder contar com duas? É essa a formação que configura os dias e os laços afetivos de algumas famílias: duas figuras maternas cheias de amor e histórias inesquecíveis para dividir com os filhos.

Angélica Maria, 46 anos, e Geórgia Neder, 50, conheceram-se há 21 anos em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Tudo parecia perfeito, até que, depois de um tempo juntas, por conta de uma discordância, acabaram se

separando: Geórgia queria ter filhos; Angélica, não.

No entanto, o amor das duas era tão forte que a separação não se sustentou por muito tempo. Mesmo com medo, Angélica decidiu topiar o desafio e diz não se arrepender nem um pouco. “Resolvemos que o filho seria da Geórgia, embora eu sempre fosse ficar por ali. Hoje, nem eu entendo como isso seria na prática ou na minha cabeça. Estive nas consultas de pré-natal e no parto, fui parabenizada pela obstetra tal qual os pais são. Então, eu fui mãe antes mesmo de ele nascer”, conta a advogada sobre o filho Vinícius, concebido por meio de

inseminação artificial, hoje com 19 anos.

Depois disso, a família cresceu. E muito! O casal tem, hoje, sete filhos — alguns foram adotados e outros vieram por reprodução assistida. São eles: Vinícius, 19, Giovanni, 12, Miguel, 11, Luíza, 8, Gabriela, 7, e Ruth e Esther, gêmeas de 3 anos.

Todos moram juntos numa chácara na Fercal. Lá, eles têm uma rotina bem agitada, e cheia de alegria e momentos únicos. Angélica, que antes nem cogitava ter filhos, hoje consegue desempenhar com maestria o papel de mãe multitarefas: “É uma loucura total! Muitas vezes, estamos atendendo a briga entre dois deles e, antes de conseguirmos resolver, chega um terceiro,

sangrando”, relata, com bom humor. “Geórgia é enfermeira em hospital, logo, trabalha em escalas. Quando ela está de plantão, fico em casa atendendo a tropa.”

Para Geórgia, a vida foi ressignificada e redimensionada após a maternidade. “Eu era um coração pequeno. Com a chegada de cada filho, o meu mundo agigantou-se em medos e certezas. E o amor e a força aqui dentro só aumentaram. Sou uma pessoa melhor, porque eles nasceram da gente e para a gente”, afirma a enfermeira, que gestou os filhos que vieram por reprodução assistida. “Espero, de coração, que nossa história dê esperanças a outras pessoas que sonham com a maternidade”, completa.